

HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE

PROJETO CLÍNICA DE PSICANÁLISE¹

DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE

A elaboração de um projeto de atuação na clínica do instituto era uma preocupação no departamento desde o início. Após a aprovação do regimento interno, em 1985, um grupo passou a se reunir para discutir o projeto, mas devido à sua grande complexidade, apenas em 1989 um projeto de implantação, chamado de Clínica de Psicanálise, pôde ser apresentado e efetivado.²

Conforme o *Boletim* da clínica de 1990, “A Clínica de Psicanálise iniciou a partir de agosto de 1989 a sua fase de implantação. Após contatos necessários com a clínica psicológica do Sedes, começamos já em outubro de 1989 a receber os pacientes que nos chegam a partir do processo de triagem da clínica do Sedes. O atendimento em grupo é para nós prioritário e nossa principal meta de teorização e pesquisa”³. O grupo inicial era composto por Clarissa Silbiger, Joelle Gordon, Teiêta Whately, Maria Auxiliadora Arantes (Dodora), Alípia Guimarães, Silvia Bolguese e Maria de Fátima Vicente. Em 1990, com a saída de Dodora, Alípia e Clarissa, foi aberto um processo de seleção e foram escolhidas Luciana Cartoci e Rosemary Negrão e, posteriormente, Tereza Castelo e Marina Kon Bolenky.

Como destaca Maria de Fátima Vicente: “Tratava-se de pessoas que esperavam continuar sua formação interminável em psicanálise, mas que fundamentalmente desejavam efetivar um modo outro de fazer psicanálise, aquele que se esperava construir com o departamento, um modo engajado politicamente de trabalhar. Todas estas pessoas tinham experiência em consultório privado, em psicoterapia, como profissional liberal. Prática mais marcadamente individual à qual se desejava ampliar e problematizar”.

A proposta desse grupo era atender a chamada pacientes da “lista crônica” da clínica do Sedes, ou seja, aqueles que nenhum curso queria e/ou podia atender, como casos muito difíceis ou pacientes idosos⁴. Foram realizadas atividades consistentes em “grupos de escuta” (para a recepção dos pacientes), atendimentos individuais e grupais, discussão e reflexão dentro da equipe a respeito dessa experiência clínica e articulação e comunicação com outros setores.⁵

Este setor vivenciou uma questão institucional importante: “Inexistência de espaço para uma clínica de departamento desvinculada de uma clínica de cursos”. A Clínica de Psicanálise estava organizada como uma clínica de serviços, de atendimento à população por um grupo de profissionais, organizados em uma equipe autogerida e não hierarquizada. Mas a clínica

psicológica do Sedes estava organizada prioritariamente como uma clínica-escola, que proporcionava oportunidade de prática aos alunos dos diversos cursos. O setor de clínica, formado pelos membros do projeto Clínica de Psicanálise, por estar na intersecção institucional do departamento e do Sedes, ficava submetido a regras, exigências e expectativas divergentes. Por exemplo, era proibido o pagamento da sessão e a triagem era feita pela clínica psicológica. Estes aspectos que interferiam diretamente no atendimento não passavam pelos aspectos de transferência ou demanda analítica. Por outro lado, o departamento trouxe ao setor de clínica a solicitação por um espaço de formação dos alunos, o que não era a proposta do grupo. Também internamente, membros do departamento questionavam o grupo, especialmente quanto aos critérios de entrada e seleção, que trazia novamente a questão da pertinência e das autonomias dos setores.

Em 1992, após demorada discussão e avaliação, a equipe do setor interrompeu o projeto discutido e desenvolvido durante quatro anos. A equipe comunicou sua decisão ao departamento em outubro, por meio do *Boletim*, explicando a decisão pelas dificuldades de desenvolver um trabalho dentro de uma clínica organizada em função dos cursos, sem um lugar institucional definido e acrescido de uma demanda de trabalho de muitas horas semanais. Na opinião desse grupo: “O fato de o departamento não ter claramente definida sua inserção no instituto dificulta e muito a movimentação institucional necessária a cada setor⁶.”

Uma outra questão alegada por estes profissionais foi que o trabalho na clínica demandava uma responsabilidade assumida com o paciente, sua família e outras instituições, além de um volume de trabalho e tempo disponível que não era possível manter dentro do enquadre de um trabalho voluntário, não remunerado e sem nenhum vínculo contratual formal. Como explicou a coordenação do departamento: “É importante salientar que, na ótica do grupo, a decisão de interrupção respaldava-se no não-reconhecimento do trabalho da clínica sob a forma de ausência de remuneração e de um *locus* institucional. Essas questões foram levadas à direção do instituto, que reafirmou a importância dessa atividade e propôs uma discussão ampla sobre o funcionamento da clínica, incluindo critérios de atendimento, de seleção de terapeutas e de encaminhamento de pacientes que procuravam o instituto. A discussão dessas questões levou a uma reestruturação da clínica, como veremos no capítulo 11 (a seguir).

PROJETO CLÍNICO-ÉTICO-POLÍTICO: UMA CLÍNICA SOCIAL NO SEDES⁷

DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE

EM 1992, a diretoria do Instituto Sedes Sapientiae fez um questionário interno sobre o andamento da clínica psicológica do instituto e, com os resultados, convocou representantes de departamentos, cursos e demais instâncias envolvidas com o trabalho clínico no Sedes para uma troca de ideias sobre a clínica⁸.

A partir de uma série de reuniões com representantes dos vários cursos, dos funcionários, do Cepis, da diretoria e da clínica, o instituto resolveu repensar todo o projeto da clínica, até então dirigida às necessidades e às possibilidades dos alunos dos diversos cursos. Como representantes do Departamento de Psicanálise participaram Adriana De Bona e Cleusa Pavan, depois Lucia Calderoni, David Calderoni, Cleusa Abreu e Claudia Schonberger⁹.

Em duas ocasiões, em março e junho de 1993, o grupo que representava o departamento apresentou no Espaço Aberto um balanço das discussões e a formulação do novo projeto da clínica do Instituto Sedes Sapientiae¹⁰, com o objetivo de envolver o maior número possível de membros do departamento. Com o mesmo intuito, o grupo se reuniu com os diversos setores e, posteriormente, levou as posições advindas destes encontros para a discussão geral do instituto¹¹.

O trabalho prosseguiu em 1994, período em que o grupo que representava o departamento registrou: “Decorridos quase dois anos de um intenso trabalho de concepção e estruturação de uma clínica psicológica para o Instituto Sedes Sapientiae, estamos no momento de implantação do novo projeto, um projeto elaborado em torno de objetivos, princípios e estruturas que visam assegurar um trabalho qualitativamente diferente daquele oferecido pela clínica de cursos existente até então. (...) A clínica em vias de implantação é uma clínica de serviços, calcada no tripé: atendimento, formação e pesquisa¹².”

O projeto definido pela diretoria do instituto tinha como meta uma atuação mais abrangente em termos de saúde mental, ultrapassando a modalidade de clínica-escola. O projeto apontava na direção da prestação de serviços, com um corpo de profissionais contratados e abarcando as diferentes clínicas específicas e cada linha de trabalho de saúde mental que compunham o Sedes¹³.

Neste processo, o grupo do Departamento de Psicanálise organizou um levantamento da história do próprio departamento nos campos da formação e da clínica. Concomitantemente à definição da nova clínica do instituto, foram se definindo as diretrizes gerais de um projeto de um setor de clínica no departamento. Durante este percurso, o Grupo Clínica não se definia como um setor, pois considerava que a constituição de um setor tinha como pré-requisito a formulação e a aprovação em assembleia geral de um projeto específico de trabalho.

Em 1994, com a aprovação do instituto do novo projeto de clínica, foram criados dois projetos de atendimento multidisciplinares com profissionais de diversos departamentos e abordagens realizadas dentro do Sedes: o Núcleo de Referência às Vítimas da Violência e o Núcleo de Referência em AIDS.

Mesmo enquanto não se constituía como setor, o Grupo Clínica do departamento atuava inserido nos mais diferentes lugares de produção e atendimento da clínica do instituto: triagem, coordenações de setores, convênios e outros¹⁴. Em 1996, eram 25 profissionais “ocupando diferentes lugares de produção clínica e/ou organizativa, lugares reconhecidos como de

sustentação de projetos de trabalho na área de Saúde Mental Pública¹⁵, conforme explicava Cleusa Pavan, então coordenadora da clínica.

Com o decorrer do tempo e a implementação das modificações na clínica do Sedes, muitos membros do departamento passaram a integrar a clínica do instituto, como profissionais contratados, como terapeutas voluntários - além de alunos -, mas não necessariamente participando do Grupo Clínica, que deixou de existir em 1997.

Na avaliação de Cleusa Pavan, a clínica passou a ocupar um lugar de destaque no conjunto das atividades do instituto e permitiu um resgate do papel político e social do Sedes: referência expressiva em termos de formação e de atendimento em saúde mental. Segundo ela, o Sedes estava perdendo o destaque e a importância que tivera no início, quando se colocava como um lugar de resistência à ditadura e à repressão, porque havia se esgotado o projeto inicial de “formação de agentes transformadores, multiplicadores de práticas alternativas no social” através dos cursos¹⁶.

Em 1997, após uma avaliação em que se constatou a necessidade de aprofundar as mudanças, foi aprovado pelo Sedes o “Projeto Clínico-Ético-Político”, que estabeleceu a necessidade de um corpo clínico estável e contratado na clínica. Nos concursos para as novas formas de inserção na clínica, terapeutas contratados, parceiros (em que são atendidos pacientes pagantes, ficando metade do pagamento com a clínica) e estagiários (destinado a membros e em regime voluntário), muitos membros do departamento foram aprovados.

Em 1998 foi criada uma nova forma de inserção, além das equipes e dos núcleos de referência, a de terapeutas e projetos especiais. Os projetos e programas especiais passaram a ser desenvolvidos conforme as demandas de outras instituições ou das próprias instâncias do instituto: cursos, departamentos e centros.

Atualmente são desenvolvidos projetos na área de adoção e de assessoria a instituições dedicadas a menores e adolescentes em situação de riscos sociais, grupos de atendimentos a gestantes, grupos de movimento para setores específicos, trabalho com casais em crise e outros. A direção da clínica do instituto é responsabilidade de Maria de Fatima Vicente, membro do Departamento de Psicanálise.

Na avaliação do instituto, o Sedes Sapientiae tem “uma clínica que trabalha na invenção de dispositivos de ação e intervenção para além das atividades psicoterapêuticas *stricto sensu*. Uma clínica de ações junto a grupos, setores da coletividade, movimentos sociais, intervenções institucionais”¹⁷.

Além de estágios nos diferentes serviços oferecidos, atividades de pesquisa e divulgação em vários projetos, a clínica oferece várias modalidades de atendimento: “Trabalhos clínicos para usuários: sujeitos (individualmente ou em grupo, família, casal), instituições e movimentos sociais. Isso se dá através de uma rede interna de serviços - psicoterapias; processos de análise de

demandas; oficinas de expressão e/ou produção de potencialidades corporais, plásticas, musicais; orientação vocacional; atendimento psicopedagógico; acompanhamentos psiquiátricos; acompanhamentos terapêuticos; atendimentos em torno de temáticas específicas como violência doméstica, adoção, psico-oncologia, adolescência, terceira idade, violência institucionalizada e psicoses - articulada com uma rede externa de parcerias com outras instituições de saúde, educação, jurídicas e assistenciais”¹⁸.

¹ Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. *História do Departamento de Psicanálise*. São Paulo: Narrativa Um, 2006, pp. 179-181.

² Relatório de atividades, Comissão de Coordenação Geral, 27/03/1987; Circular DP/03/88, da Comissão de Coordenação do Departamento de Psicanálise, marco de 1988; e Princípios e Finalidades do Departamento de Psicanálise, Crônica, *Percurso* n. 1, 2º sem/1988: http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p01_cronica_ano01.pdf

³ “Clínica”, *Boletim* n. 1, jun/jul 1990.

⁴ Transcrição das entrevistas realizadas pelo “Projeto História e Memória do Curso e do Departamento”.

⁵ *Boletim* n. 4, mar/abr 1991.

⁶ *Boletim* n. 9, set/out 1992.

⁷ Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. *História do Departamento de Psicanálise*. São Paulo: Narrativa Um, 2006, pp. 229-231.

⁸ “Dos Setores – Clínica”, *Boletim*, n. 10, nov/dez 1992.

⁹ “Dos Setores – Clínica”, *Boletim*, n. 10, nov/dez 1992.

¹⁰ “Dos Setores – Clínica”, *Boletim*, n. 12, mai/jun 1993.

¹¹ “Dos Setores – Clínica”, *Boletim*, n. 13, ago/set 1993.

¹² “Dos Setores – Clínica”, *Boletim*, n. 16, mai/jun 1994.

¹³ “Dos Setores – Clínica”, *Boletim*, n. 15, fev/mar 1994.

¹⁴ “Dos Setores – Clínica”, *Boletim*, n. 21, nov/dez 1995.

¹⁵ “Grupo Clínica – Ponto de Vista”, *Boletim*, n. 22, abr/mai 1996.

¹⁶ “Grupo Clínica – Ponto de Vista”, *Boletim*, n. 22, abr/mai 1996.

¹⁷ Site do Instituto Sedes Sapientiae, 2005.

¹⁸ Site do Instituto Sedes Sapientiae, 2005.